

# O constante movimento de renovação

## Editorial

Gabriele Maria Oliveira

Pedro Carvalho Silva

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p7-19

Em 1967, o dramaturgo Nelson Rodrigues compartilhou algumas de suas memórias sobre a epidemia de gripe espanhola que assolou o mundo entre os anos de 1918 e 1920 no jornal *Correio da Manhã*:

De repente, passou a gripe. Ninguém pensava nos mortos atirados nas valas, humilhados e ofendidos, numa promiscuidade abjeta. A peste deixara nos sobreviventes não o medo, não o espanto, não o ressentimento, mas o puro tédio da morte. Eu me lembro de um vizinho perguntando: - Quem não morreu na Espanhola?<sup>1</sup>

Graças a um infortúnio do acaso - ou em consequência das ações humanas que priorizam o capital em detrimento da preservação da natureza - a humanidade encontra-se novamente face ao tédio da morte, assistindo, nesse início de ano, a uma nova elevação nos números de óbitos devido à pandemia de Covid-19.

---

<sup>1</sup> Quem não morreu na Espanhola? - Memórias de Nelson Rodrigues no Correio da Manhã. **Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 6 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/quem-nao-morreu-espanhola-memorias-nelson-rodrigues>>. Acesso em: 19 de março de 2021.

O tédio mencionado pelo cronista e vivenciado por nós atualmente pode estar associado às ideias do antropólogo britânico Tim Ingold<sup>2</sup>, que entende o homem como um ser constantemente modificado pelos espaços nos quais se estabelece. Segundo o intelectual, para que essas mudanças ocorram, é necessária a contínua *movimentação*, uma vez que ela permite a ação do meio sobre os seres humanos e a aprimoração dos conhecimentos dos homens sobre si mesmos. Contudo, devido à situação que nos envolve neste momento, essa movimentação já não é completamente possível, e, atualmente, em razão da falta de mobilidade, estamos presos a uma suposta inércia, experienciando o tédio da morte e aguardando pelo dia em que poderemos sair com segurança de nossas casas.

Experimentar o tédio nada mais é do que uma contradição. Experienciar a *falta de vontade* não seria uma forma de evitar a própria experiência? Talvez, este seja um dos mecanismos para defendermos os nossos sentimentos e evitar o sofrimento. Mas até que ponto isso pode ser praticado de forma saudável? Com certeza, não temos a resposta para estas duas difíceis questões, mas, mesmo assim, mantemos nossa preocupação. Sabemos que a ciência nem sempre tem a solução para todos os problemas, mas fazemos constante uso de seu método, um complemento necessário para a elaboração de nossas experiências.

A temporalidade baseia todo esse problema ontológico, que consiste na relação entre a movimentação e a construção de nossas subjetividades. A duração finita dos seres humanos já foi característica de inveja dos imortais deuses gregos, mas, para nós, ela se apresenta como o nosso principal problema. Poder acompanhar o desenrolar de alguns anos, de alguns projetos, de algumas vidas, de algumas experiências nos causa agonia, pois confirmamos que isso acabará algum dia. Este

---

<sup>2</sup> INGOLD, Tim. A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés. In: \_\_\_\_\_. *Estar vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2015, cap. 3, pp. 70-95.

### O constante movimento de renovação

constante movimento de experiências que um dia chegará ao fim pode ser interpretado também pelo viés positivo da unicidade e da originalidade. Apesar de, muitas vezes, os acontecimentos parecerem meras repetições, eles não são menos especiais, pois os fatores que possibilitaram o seu desenvolvimento sempre serão únicos. A renovação está para além da repetição estática, incorporando-a e, ao mesmo tempo, transbordando as suas limitações.

Neste cenário, a História, em meio às experiências que constituem o presente, encara os resquícios do passado com um olhar preocupado, que busca compreender como os antigos problemas geraram os problemas atuais. Como Reginaldo Prandi aponta em seu livro *Mitologia dos Orixás*: “Para os iorubás antigos, nada é novidade, tudo o que acontece já teria acontecido antes. Identificar no passado mítico o acontecimento que ocorre no presente é a chave da decifração oracular”<sup>3</sup>. A mitologia não deve ser compreendida apenas como uma produção inventiva e ilusória da História, mas sim como um complemento, como um novo ponto de vista. Como a professora Raquel Glezer bem salientou em nossa entrevista, “o passado é ótimo para se trabalhar, ele sempre permite um outro olhar e uma outra perspectiva. Lembrando que o que encontramos é sempre limitado, toda produção é limitada em função do momento em que se vive”.

As reflexões sobre o momento em que vivemos são variadas, e demonstram a necessidade dos homens de questionar e racionalizar aquilo que os rodeia. A disciplina histórica, dentro de suas discussões e produções, já problematiza o atual contexto de diversas formas, buscando por caminhos e, de certa forma, soluções, nos campos teórico e prático, para que possamos continuar a experiência de vida em sociedade. Entre as manifestações de solidariedade e transformações que se espalham pelo planeta, a História acadêmica recorre a narrativas variadas para

---

<sup>3</sup> PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 18

analisar criticamente a sucessão dos fatos cotidianos, contribuindo para a compreensão da atual realidade. A base de elaboração dessas teorias, assim como ocorre com as análises sobre outros momentos históricos, é moldada pela ideia de uma constante renovação do mundo social, dos indivíduos e das correntes historiográficas.

Um exemplo disso é o ensaio *Quando acaba o século XX*<sup>4</sup>, produzido pela historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz e divulgado para o público em formato *e-book*. Nesse trabalho, escrito concomitantemente ao alastramento do vírus Sars-CoV-2, Schwarcz discorre sobre a ideia de que o século XX e suas utopias tecnológicas, na verdade, acabaram no ano de 2020, com a pandemia de Covid-19, e não com o término dos anos de 1990. Com isto, a intelectual manifesta uma outra forma de pensar os marcadores temporais - não mais calcada no *tempo* ou nos *eventos*, mas sim nas *mudanças estruturais* -, baseando-se em argumentos<sup>5</sup> defendidos pelo historiador francês Jacques Le Goff sobre a longa Idade Média.<sup>6</sup>

Estas mudanças estruturais, que acompanham a humanidade e marcam a sua relação com o tempo, alimentam a ideia de renovação. Tais mudanças têm o poder de afetar a todos que as presenciam, uma vez que as suas dinâmicas dialogam com o passado e com o presente. Nesse sentido, a renovação não é um simples processo de causa e efeito, que ocorre para que a novidade possa surgir; pelo contrário, ela deriva-se de um complexo trabalho de resignificação, que abrange as experiências vivenciadas no passado de modo a utilizá-las para a elaboração de reflexões no

---

<sup>4</sup> SCHWARCZ, Lilia M. *Quando acaba o século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

<sup>5</sup> Para Le Goff, a Idade Média, na verdade, teria terminado em meados do século XVIII, devido às significativas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais vivenciadas pelos europeus neste momento. Antes disso, para o historiador, não teriam ocorrido transformações que justificassem a separação entre a Idade Média e um período novo.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. Uma longa Idade Média. In: \_\_\_\_\_. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Ed. Unesp, 2015, pp. 97-129.

presente.

Como um periódico dedicado a publicar trabalhos da área de História, a Revista Epígrafe traz, desde 2013, as reflexões de graduandos sobre os momentos, personagens e sociedades que são objetos de suas pesquisas e, de certa forma, de suas curiosidades. Em decorrência disso, assistimos a constantes renovações, seja em relação à forma de pensar sobre as questões históricas - trazida pelos estudantes em seus textos -, seja pelo modo por meio do qual nossa comissão editorial se estrutura.

No início do processo de produção da edição 10, mais uma vez, passamos por mudanças em nossa comissão. Desde a fundação da revista, este procedimento repetiu-se algumas vezes: os membros que terminam as suas graduações deixam, também, a Revista Epígrafe, e novos membros entram para colaborar com o periódico. Desta vez, com grande pesar, nos despedimos de quatro colegas que foram fundamentais para que a revista ganhasse cada vez mais visibilidade no mundo acadêmico. Gostaríamos de registrar aqui, em nome de toda a comissão editorial, os nossos sinceros agradecimentos a Anna Maria Greco Carvalho, Letícia Oliver Fernandes, Matheus de Paula Silva e Pedro José de Carvalho Neto pelas suas contribuições para a Revista Epígrafe, que reuniram organização, carisma, competência, responsabilidade e amor pela revista e pelos trabalhos desenvolvidos nela. Agradecemos também a disponibilidade em auxiliar na adaptação de novos membros e nos ensinar, sempre com muita paciência, os processos que permitem à Epígrafe prosperar enquanto um periódico feito para a graduação.

Para esta edição, contamos com o surpreendente número de 34 artigos livres e quatro resenhas críticas, além de 15 artigos que foram submetidos para o dossiê "O poder na Idade Média", elaborado em parceria com a professora Maria Filomena Coelho, da Universidade de Brasília. Além disso, para a nossa tradicional entrevista de carreira, tivemos a participação da professora Raquel Glezer, docente emérita do

Departamento de História da USP.

Em nossa conversa, a professora falou sobre as mudanças que o curso de História sofreu desde a época de sua graduação, nos anos 1960, até os dias atuais, abrindo espaço para pensarmos sobre como o ofício do historiador transformou-se ao longo deste período. Nesse diálogo leve e descontraído, a docente também nos mostrou como as atividades dos historiadores são importantes e bastante divertidas, encorajando a nós e a todos os graduandos a seguir este caminho, mesmo que, muitas vezes, ele seja árduo.

Os artigos publicados nesta edição abordam temas variados, que perpassam pela história de gênero, pelas construções memoriais, pela relação entre história e literatura, entre tantos outros que serão apresentados neste editorial. A edição é aberta com o artigo de Beatriz Alvarenga Bonella de Araújo, ““Você nos colocou na história” - Uma História Social da prostituição brasileira nas décadas de 1980 e 1990”, que disserta sobre a estruturação do campo de estudo sobre a prostituição a partir dos anos 1980, considerando, para isso, produções historiográficas brasileiras. O artigo ““Em legítima defesa da honra”: A luta contra a naturalização da violência contra as mulheres”, de Kathiusy Gomes da Silva, também compreende os anos 1980, mas sob outra perspectiva, historicizando a conquista dos espaços de defesa para mulheres em situação de violência. Nayla Tavares Guerra, em seu trabalho “Entre a redação e o set de filmagem: A circulação do pensamento feminista na Ditadura Civil-Militar (1970/1980)”, examina a circulação do pensamento feminista em dois curta-metragens feitos por diretoras brasileiras e nos jornais *Nós Mulheres* e *Mulherio*, elaborados pela imprensa alternativa feminista. Com isso, a autora buscou investigar as lacunas deixadas pela historiografia sobre as relações entre a mídia e o movimento feminista da Segunda Onda. Ainda

### O constante movimento de renovação

sobre as mulheres na história, Eduardo Gern Scoz, em seu artigo “Catarina de Médici (1519-1589): Imagens de gênero e poder”, aborda as articulações entre gênero e poder na França do século XVI, analisando particularmente o caso da rainha Catarina de Médici e as construções feitas a partir de sua figura.

Retornando à história do Brasil, o artigo “A continuidade punitiva na história do Brasil: Da era colonial à redemocratização”, de Larissa Cabelo de Campos, apresenta os resultados de uma investigação sobre os fatores que contribuíram para a formação de uma cultura punitiva no território brasileiro, levando o país a ocupar as primeiras posições nos *rankings* mundiais de encarceramento da sua população. O autor Gustavo Nazario, em seu trabalho “Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80”, examina como a imprensa paulista dos anos 1980 usava o conceito de populismo para atacar e desqualificar propostas contrárias às suas, considerando as intensas transformações políticas ocorridas nesse período, como as eleições, as implementações de planos econômicos e as grandes manifestações. Sobre a figura emblemática de Getúlio Vargas, apresentamos os trabalhos “*Falta alguém em Nuremberg*: Uma representação liberal de Vargas e do Estado Novo no pós-45”, de Julia Nogueira Zon, e “Getúlio Vargas: A imagem do mito político”, de Alice Jungblut Braun e Geovana Klaus Magalhães. O primeiro analisa o modo como o Estado Novo foi representado, durante a segunda metade da década de 1940, pelos setores liberais, tendo, como principal fonte, o livro *Falta alguém em Nuremberg*, de David Nasser. O segundo investiga, a partir de fontes jornalísticas e propagandísticas, a construção da imagem de Getúlio Vargas perante a população, examinando as suas contradições e a sua permanência na história.

O artigo de Jorge Henrique Marcelino, “Dom Pedro II nos Estados Unidos: Impressões do roteiro de um monarca viajante (1876)”, apresenta outra figura

emblemática da história do Brasil: Dom Pedro II. Neste trabalho, o autor analisa o diário de viagem do imperador, buscando os seus interesses culturais, científicos e diplomáticos em viagem para os Estados Unidos. Em “Tiradentes em Mont-Pèlerin: Neoliberalismo e memória da Inconfidência Mineira”, Gustavo de Castro Belém examina as divergências entre a narrativa neoliberal do século XXI e as ideias de justiça tributária e liberdade dos inconfidentes, partindo da análise de publicações do Partido Novo no *Twitter* e de fontes jornalísticas. De volta ao século XIX, o artigo de Diego Alem, “Prover e acumular: A estrutura e o perfil da posse de escravos em um contexto econômico de abastecimento (São Luiz do Paraitinga no primeiro quartel do século XIX)”, discute o uso e a posse da mão de obra escravizada em uma pequena vila do Vale do Paraíba, São Luiz do Paraitinga, que não estava diretamente relacionada às atividades exportadoras da colônia. Com este trabalho, o autor buscou entender, a partir de listas nominativas que compreendiam o período entre 1798 e 1818, quais eram as características daqueles que compunham o setor de pequenos proprietários de escravos. Seguindo para o século XX, o trabalho de Pedro Gabriel Neves de Aquino, “O papel dos cronistas brasileiros na transformação da imagem da capoeira no início do século XX (1900-1930)”, analisa a construção, pelos cronistas do início do século XX, de uma nova imagem da capoeira para a sociedade brasileira, que a valorizava enquanto esporte em contraposição às visões negativas da prática, marcadas pelo racismo científico.

Em seguida, apresentamos três trabalhos que relacionam história e manifestações culturais e artísticas brasileiras. O primeiro, “Dos muros às frestas: A irmandade Nossa Senhora da Lampadosa como espaço étnico-cultural”, de Layla Silva Ferreira, investiga a irmandade Nossa Senhora de Lampadosa, localizada no centro do Rio de Janeiro, por meio de suas festas. Para isso, a autora analisa a Coroação de Reis, da nação Cabundá, realizada em 1811, como meio através do qual os



### O constante movimento de renovação

escravizados se socializaram e construíram identidades coletivas. O artigo de Bruno Rafael do Amparo Ribeiro, “O romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário: desvendando traços de reminiscências entorno da Estrada de Ferro de Bragança-PA”, parte da análise historiográfica do romance *Candunga* (1954), de Bruno de Menezes, para compreender as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais em torno da Estrada de Ferro de Bragança (PA), bem como as migrações e a colonização da Amazônia durante a década de 1950. “Retocai o céu de anil: Sintomas do Desenvolvimentismo na MPB (1946-1968)”, de André Luis Carneiro, investiga a relação entre o nacionalismo e o imaginário popular, sobretudo a cultura brasileira. Para isso, o autor baseia seu trabalho no livro *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon, e utiliza, como fonte da cultura popular, algumas obras da MPB.

No que diz respeito à Monarquia Hispânica e seu avanço colonialista sobre a América, o artigo de Maria Alice Messias Conforti de Carvalho, “Las Casas e a escravidão na América Espanhola”, discute a relação delicada do frei Bartolomé de Las Casas com a escravidão na América Espanhola, destacando a sua passagem de *encomendero* para porta-voz da luta de emancipação indígena nas colônias. O trabalho de Eric Caixeta Carvalho, “Controlar as vidas na Monarquia Hispânica: Uma análise histórica da autobiografia de Jerónimo de Pasamonte e do Pasamonte de Cervantes”, analisa a obra autobiográfica do soldado aragonês Jerónimo de Pasamonte, *Vida y trabajos de Jerónimo de Pasamonte*, a fim de associá-la aos aspectos de controle político e religioso que caracterizaram o catolicismo tridentino e a Monarquia Hispânica na primeira metade do século XVII. Giovanna de Assis Bareli, em “A importância da indumentária nas pinturas de castas: Um estudo do quadro “Castas” de Luis de Mena”, propõe uma reflexão, a partir da análise do quadro “Castas” (1750), do pintor Luis de Mena, sobre o papel da representação da indumentária no gênero das pinturas de castas. Para isso, a autora considera a

função segregativa das castas na Nova Espanha, uma vez que elas fomentavam a hierarquização e estratificação social, com base na diferenciação racial, principalmente no século XVIII.

A relação entre a história e as mídias visuais, como o cinema e a TV, é discutida nos artigos “A representação dos curdos no melodrama turco “Sila, prisioneira do amor””, de Pricyla Weber Amaral, e “Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I am Mother* (2019)”, de Caroline Cavilha dos Santos Hashimoto. No primeiro, a autora avalia a influência das telenovelas turcas na construção do imaginário popular sobre a população curda, utilizando, como estudo de caso, o melodrama “Sila, prisioneira do amor”. O segundo, por sua vez, reflete sobre a sacralização da inteligência artificial no filme “*I am Mother*”, o qual se baseia em mitos antigos e em elementos históricos e simbólicos. Com isso, são avaliados também os impactos da tecnologia no futuro da religião, sobretudo no que diz respeito à popularização do dataísmo. O ensaio “*Barry Lyndon: O filme histórico de Stanley Kubrick*”, de Rafael Rodrigues Nascimento, também aborda a relação entre o cinema e a história ao analisar se o filme “*Barry Lyndon*” (1975), de Stanley Kubrick, é fidedigno ao retratar a sociedade de cortes. Para isso, o autor compara cenas do longa-metragem à historiografia sobre o período.

Compreendendo o século XX, o trabalho de Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa, “Entre as representações e o autor: Uma análise da liberdade sexual em *Berlin Alexanderplatz*”, discute sobre o modo como a liberdade sexual, desenvolvida na Alemanha durante a República de Weimar, foi retratada no romance *Berlin Alexanderplatz* (1929), do autor alemão Alfred Döblin. Maria Carolina Nascimento de Matos, em seu artigo “Sob outra perspectiva: A história oral nas obras de Svetlana Aleksievitch”, discorre sobre as possibilidades de interpretação da obra de Svetlana Aleksievitch sob a perspectiva da história oral, a qual é sempre mencionada,

### O constante movimento de renovação

mas nunca aprofundada quando se discute sobre os trabalhos da autora bielorrussa. Em “Futebol e identidade na Guerra Civil iugoslava”, Eduardo Barboza Cotrim investiga a relação político-identitária entre o futebol e a República Socialista Federativa da Iugoslávia, avaliando, paralelamente, as causas que conduziram a Iugoslávia para uma Guerra Civil e que culminaram na divisão do país. “A diplomacia triangular: Nixon, Kissinger e a China”, de Jorge Arbage, analisa os fatores que resultaram na aproximação entre os Estados Unidos e a China no final da década de 1960, considerando o contexto geopolítico do período.

No artigo “O paradoxo protestante e o condicionamento do “espírito” capitalista ocidental de tipo moderno: Algumas observações sobre o pensamento weberiano”, Lucas dos Santos Andrade parte da obra de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, para analisar o paradoxo protestante e a sua influência no surgimento do capitalismo e da modernidade. O trabalho de Leandro Arcanjo Ferreira da Silva, “O azul na história da moda”, investiga, a partir de pinturas e fotografias, o uso da cor azul nas vestimentas utilizadas por sociedades de diferentes períodos históricos, dando maior ênfase às sociedades ocidentais. Em “Esdras-Neemias e a gestão da memória em crise”, Samuel de Barros Gandara aborda a relação entre a memória e as populações do Antigo Israel e de Judá. Em seu trabalho, o autor avalia de que modo o texto bíblico funciona como suporte para diferentes modalidades de conflito em torno da memória e das relações sociais, partindo das construções identitárias judaítas no livro bíblico Esdras-Neemias. O artigo de Mariana Rodrigues de Vita, “O antissemitismo como ódio obstinado”, examina como o antissemitismo se manifestou ao longo da história, considerando as continuidades e rupturas do discurso antissemita na Europa.

Seguindo para a atualidade, “Ciência e tecnologia na agricultura: a descrição da rede do fogão solar na Comunidade de Areais, Uiraúna-PB”, de Rafael Dalyson dos

Santos Souza, descreve a rede do fogão solar da comunidade agrícola de Areais, em Uiraúna (PB), a partir de uma pesquisa etnográfica realizada no local e da investigação histórica sobre a literatura de laboratório dos cientistas alemães, que foram responsáveis por desenvolver a tecnologia do fogão solar. Em “Difusão em arquivos e o Centro de Memória - Unicamp”, Ananda Mendes Lima examina como o arquivo influencia positivamente na divulgação do conhecimento, partindo das iniciativas do Centro de Memória - Unicamp (CMU). Eric Cyon Rodrigues, em seu artigo “As cruzadas e as apropriações contemporâneas da Idade Média (2001-2020)”, examina como os governos do Estados Unidos, após os ataques do 11 de setembro, e do Brasil, com a ascensão da extrema-direita, apropriaram-se da narrativa que os associam à uma suposta luta civilizacional em defesa do Ocidente. Em seu artigo “Da ferrovia ao museu, uma viagem pelas memórias que constroem as identidades de Peirópolis (1970-2018)”, Laura de Barros Pereira investiga as relações históricas que se constituíram no bairro de Peirópolis, em Uberaba (MG), a fim de entender como elas contribuíram para a formação da identidade local. Para isso, a autora utilizou fontes orais e documentais, como publicações formais e relatos dos moradores. O trabalho de Renan Carvalho Wenderrosck, “A História no mundo digital: breves considerações sobre as tecnologias digitais e o ensino de história”, reflete sobre o ensino de história e o uso da tecnologia, analisando, para isso, os métodos e os instrumentos empregados na educação.

Por fim, encerramos esta edição com a apresentação de quatro resenhas críticas. A primeira, “O fazer história pela memória na Península Ibérica dos séculos V e VI”, de Julio Cesar Aquino Teles Ferreira, analisa a obra *Escrever história e cultivar a memória cristã: sobre a cristianização da Península Ibérica nos séculos V e VI*, da historiadora brasileira Rossana Pinheiro-Jones, que aborda a escrita da história e a construção da memória a partir dos sermões escritos na Península Ibérica durante a

### O constante movimento de renovação

cristianização do território. O trabalho de Rodrigo Vicente Fernandes, “A Quarta Cruzada e a identidade cristã: A abordagem pós-colonial de George E. Demacopoulos”, examina o livro *Colonizing Christianity. Greek and Latin Religious Identity in the Era of the Fourth Crusade*, do historiador estadunidense George E. Demacopoulos, que apresenta uma análise historiográfica da Quarta Cruzada, embasada pelas fontes e pelas teorias pós-coloniais. “Multiplicidade da classe trabalhadora na práxis marxiana e sua atualidade”, de Maria Clara Lima de Menezes, apresenta uma análise do livro de Marcelo Badaró Mattos, *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. Nele, o autor adota, como base, a discussão sobre o papel revolucionário da classe trabalhadora na teoria-prática de Marx e Engels, questionando como essa classe se configura atualmente. Finalmente, a resenha de Leonardo Reis, “História Pública na prática: Desafios e possibilidades para a divulgação de História”, examina o livro organizado por Bruno Leal Pastor Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira, *História Pública e divulgação de história*, que, elaborado por um grupo de historiadores, compartilha as experiências, as dificuldades, as expectativas e os aprendizados desses profissionais com a História Pública e a divulgação de História.

Em vista da grande quantidade de trabalhos publicados nesta edição, optamos por dividi-la em dois números, para que os artigos e as resenhas fossem apresentados de maneira mais organizada aos nossos leitores.

Boa leitura a todas e todos!

São Paulo, 26 de abril de 2021